

Resenha

“Kicking away the ladder: development strategy in historical perspective”

Ha-Joon Chang

Huáscar Fialbo Pessali
Professor do Departamento de Economia
Universidade Federal do Paraná

Na era da informação, estamos sempre desinformados. Ou, como disse Simon (1971, p. 40), “*a riqueza de informação cria uma penúria de atenção*”. Temos que ser cada vez mais seletivos sobre o que parece merecer nossa consideração. Em paralelo, temos dificuldade em interpretar a história com um aparato intelectual que não esteja influenciado pelas agendas e interesses mais imediatos do nosso presente. Esses fatores influenciam o quanto podemos aprender com o passado.

Em *Kicking away the ladder*, Chang (2002, p. 140) clama que:

os fatos históricos sobre as experiências de desenvolvimento dos países desenvolvidos deveriam ser mais amplamente divulgados. Isto não é só uma questão de fazer jus à história, mas também de permitir aos países em desenvolvimento que estejam melhor informados para escolher políticas e instituições que lhes sejam mais apropriadas.

Embora historiadores e economistas ligados à área de desenvolvimento econômico possam não encontrar muitas novidades no livro, seu mérito não está em levantar grandes descobertas ou criar vanguarda teórica. Ele é oportuno, porém, para lidar com o problema de desinformação mencionado e buscar atingir outro público, menos especializado, e nele causar algum desconforto. Por esse ângulo o livro pode ser mais positivamente apreciado e seus problemas conceituais, teóricos, de utilização e comparação de dados e, às vezes pequenos deslizes de consistência contem com maior paciência do leitor.

A história precisa de constante revisão. O tempo e o crescimento das ciências, porém, impõem às novas gerações um esforço cada vez maior de atualização (exceção feita aos que detêm visão estritamente positivista do conhecimento).

Muitas vezes não se consegue arcar com os custos desse processo. Resulta assim que se popularizam os anacronismos. Casos que fogem da visão moderna predominante são tratados como aberrações ou viram anedotas sobre antepassados pouco esclarecidos ou estrambóticos. Diante de tais percalços, o livro é útil ao agrupar de forma razoavelmente organizada certos eventos da história institucional de vários países hoje desenvolvidos. Chang (2002) tenta melhorar nosso conhecimento factual sobre o quanto diferem o que eles fizeram ao longo de seu desenvolvimento, principalmente ao longo dos séculos XVIII e XIX, e o que hoje eles e os organismos internacionais que patrocinam pregam para os países não desenvolvidos.

Não menos importante, Chang também ilustra com alguma fartura quais variadas foram as estratégias de desenvolvimento implementadas por cada um daqueles países. Isso é um encorajamento a quem no mínimo desconfia das possibilidades do modelo único oferecido pelo Consenso de Washington em suas etapas de ajuste macroeconômico e reforma institucional. Para quem tem confiança no Consenso ou não pôde fazer aquela revisão menos linear da história, o livro vai trazer algumas situações difíceis

de explicar. O desafio, então, pode ser um estímulo à leitura.

No primeiro capítulo (“Como realmente os países ricos se tornaram ricos”), Chang apresenta seu caso. Incomodado com a pressão hoje existente sobre países em desenvolvimento para seguirem “boas políticas” e adotarem “boas instituições” para promover seu desenvolvimento, Chang questiona se os países hoje ricos se utilizaram dos mesmos “bons” elementos para chegar onde chegaram. Em termos metodológicos, ele se diz inspirado em Friedrich List e na abordagem da Escola Histórica Alemã. Segundo Chang (2002, p. 6):

Esta abordagem, se aplicada de forma apropriada, não se limita a coletar e catalogar fatos históricos na esperança de que algum padrão virá à tona naturalmente. De outro modo, ela envolve a busca por padrões históricos persistentes, a elaboração de teorias para explicá-los e a aplicação de tais teorias a problemas contemporâneos, ao mesmo tempo em que leva em conta mudanças nos contextos tecnológico, institucional e político.

No segundo capítulo (“Políticas para o desenvolvimento econômico: políticas industrial, comercial e tecnológica em perspectiva histórica”), Chang expõe as políticas ativistas de diversos países ri-

cos ao longo da história, em especial suas políticas de proteção tarifária. Não deixa de ser curioso saber que Henry Carey, conselheiro do presidente norte-americano Abraham Lincoln, classificava a idéia de livre comércio como “*parte do sistema imperialista britânico que consignava aos EUA um papel de exportador de produtos primários*” Chang (2002, p. 32). Chang conclui que os países em desenvolvimento têm sido menos protecionistas do que foram os países ricos enquanto “subiam a escada”.

No terceiro capítulo (“Instituições e desenvolvimento econômico: ‘boa governança’ em perspectiva histórica”), há o mesmo tipo de investigação, agora voltada para questões mais institucionais. Os tópicos discutidos revelam sérias deficiências nos países ricos para que certas instituições modernas viessem a ser implementadas. Na maioria das vezes, tais instituições só se estabeleceram após um extenso período de enriquecimento (para o qual pouco ou nada contribuíram).

Alguns dos tópicos investigados são:

- a. a democracia como pré-condição ao desenvolvimento;
- b. a existência e as práticas da burocracia estatal e de um sistema judiciário;
- c. os regimes de direito de propriedade (principalmente intelectual);
- d. as práticas de governança corporativa – a sociedade anônima, a existência e a praticabilidade de leis de falência, sistemas de auditoria e de transparência de informações financeiras, e regulação de concorrência);
- e. as instituições financeiras (o sistema bancário e sua regulação, bancos centrais, regulação dos mercados de títulos e instituições de finanças públicas);
- f. as instituições relacionadas ao trabalho e ao bem-estar social (provisão pública de previdência social, regulação do trabalho infantil e adulto);
- g. as mudanças dentro do novo contexto de industrialização.

Chang reúne ali grande coleção de sobressaltos. O presidente norte-americano Theodore Roosevelt, por exemplo, certa vez lamentou que os deputados de Nova Iorque vendessem abertamente os seus votos, afirmando que eles “*tinham a mesma idéia sobre a vida pública e o serviço público que um abutre tem de uma ovelha morta*” Chang (2002, p. 76). Só em 1907 a Suíça introduziu uma lei de patentes digna do nome, e só em 1938 os EUA baniram o trabalho infantil. Instituições como o Banco Central levaram, após sua concep-

ção, até 150 anos para serem adotadas pela maioria dos países agora desenvolvidos.

O quarto e último capítulo (“Lições para o presente”) resume a ópera – óbvia para alguns, desconhecida para outros:

As políticas usadas para chegar onde eles [os países agora desenvolvidos] estão agora – ou seja, políticas industrial, comercial e tecnológica ativas – são precisamente as que eles dizem que os países em desenvolvimento não devem usar por causa de seus efeitos negativos sobre o desenvolvimento econômico (Chang, 2002, p. 127).

Ou seja, os países desenvolvidos estão “chutando a escada”.

Chang optou por abrangência em lugar de profundidade. Não há uma investigação exaustiva do processo de desenvolvimento de cada um dos países estudados, mas uma busca de evidências mais específicas. Além disso, o livro talvez não tenha a sofisticação acadêmica que muitos certamente gostariam de ver. Há, porém, outras possibilidades para o seu uso proveitoso. O livro pode servir de base para subseqüentes pesquisas que se aprofundem em cada caso. Alunos de pós-graduação em história e desenvolvimento econômico, por exemplo, podem se interessar em preencher as lacunas existentes. A esse respeito, talvez seja proveitoso complementar o livro com a leitura de outro artigo (Chang, 2002a), no qual

se discute o papel do Estado e dos mercados nas economias modernas.

Mais amplamente, o livro serve ao debate contemporâneo de política econômica. Para o contexto brasileiro, que vive a implementação das “boas políticas” e das “boas instituições” sem sentir o cheiro do crescimento econômico obtido com as “más políticas” e “más instituições” do passado não tão distante, o livro fornece um catálogo de contrapesos.

Referências bibliográficas

CHANG, Ha-Joon. *Kicking away the ladder: development strategy in historical perspective*. Londres: Anthem Press, 2002.

CHANG, Ha-Joon. Breaking the mould: an institutionalist political economy alternative to the neo-liberal theory of the market and the state. *Cambridge Journal of Economics*, v. 26, p. 539-559, 2002a.

SIMON, Herbert. Designing organizations for an information-rich world. In: GREENBERGER, M. (Ed.). *Computers, communications, and the public interest*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1971. p. 37-52.

.....
* E-mail de contato do autor:
* pessali@hotmail.com
.....